

ALBERTO ENGEL

**MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA – UMA LEITURA SEGUNDO A
PSICOLOGIA CORPORAL**



Monografia apresentada como requisito parcial
ao Programa de Especialização em
Psicoterapia Corporal pelo Centro Reichiano
de Curitiba – PR.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique Volpi

**Curitiba
2010**

Engel, Alberto
Moradores em situação de rua – uma leitura segundo a psicologia corporal / Alberto Engel, 2010.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique Volpi
Monografia do Curso de Especialização de Psicologia Corporal,
Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal

1. Couraças. 2. Morador de rua. 3. Psicologia. 4. Sociedade.





ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CORPORAL DECLARAÇÃO DE CONFEÇÃO DA MONOGRAFIA

Eu, **ALBERTO ENGEL**, aluno do Curso de Especialização em Psicologia Corporal, ministrado pelo Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal Ltda., localizado na cidade de Curitiba/PR, Brasil, assumo total responsabilidade pela confecção desse trabalho monográfico para a conclusão do curso, considerando que:

- Durante o curso, recebi todas as informações sobre a obrigatoriedade da confecção da monografia por mim mesmo, e jamais por outra pessoa, estando sujeito a perder o meu certificado a qualquer momento, independentemente do prazo, caso haja a comprovação de denúncia a esse respeito.
- Estou ciente de que citei todos os autores, com os devidos créditos exigidos pelas normas da ABNT, sem ter copiado qualquer trecho de livros, Internet, revistas, etc., que se possa considerar plágio, arcando com toda e qualquer responsabilidade legal por essa questão, caso haja algum tipo de denúncia. Quando copiado algum trecho, este está devidamente mencionado com o crédito do autor (sobrenome do autor, ano da obra e páginas) e a obra indicada nas referências desse trabalho.
- Autorizo a publicação da monografia no site do Centro Reichiano, quando essa indicação for feita pelo(a) orientador(a).

Estando ciente do exposto acima, assino esse documento, o qual deverá ser incluído na primeira página da Monografia, tornando pública a presente declaração a quem se interessar.

Curitiba, 08 de Fevereiro de 2010.

Alberto Engel
Assinatura do Aluno

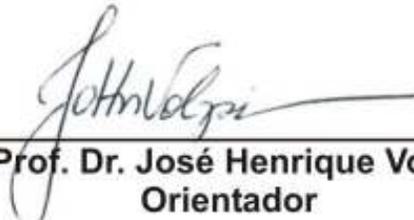


ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CORPORAL
TERMO DE APROVAÇÃO DA MONOGRAFIA

Eu, **Prof. Dr. JOSÉ HENRIQUE VOLPI**, no uso de minhas atribuições legais no **Curso de Especialização em Psicologia Corporal**, ministrado pelo Centro Reichiano, na cidade de Curitiba/PR, Brasil, considero **APROVADO**, o trabalho monográfico de conclusão de curso do aluno **ALBERTO ENGEL**, com conceito **A**.

Curitiba, 08 de Fevereiro de 2010




Prof. Dr. José Henrique Volpi
Orientador

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jardim Botânico – Curitiba/PR - Brasil - CEP: 80210-000
Fone/Fax (41) 3263-4895 / Site: www.centroreichiano.com.br / E-mail: centroreichiano@centroreichiano.com.br



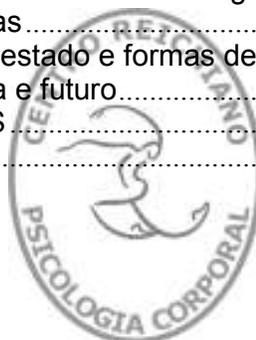
Dedico este trabalho a todas as pessoas
que desejam um mundo mais humano,
justo e igualitário.



Não se pode defender o que não se ama;
Não se pode amar o que não se conhece.
(autor desconhecido).

SUMÁRIO

2. INTRODUÇÃO	11
3. REFERENCIAL TEÓRICO	14
4. MÉTODO	22
4.1. Caracterização da pesquisa	22
4.2. Participantes	22
4.3. Local da pesquisa	22
4.4. Instrumento	22
4.5. Procedimentos de coleta de dados	22
4.6. Procedimentos de análise e interpretação dos dados	23
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
5.1. Tempo de experiência na condição de rua	24
5.2. Os motivos que teriam a viver em situação de rua	24
5.3. Sentimento imediato	28
5.4. Sentimentos em relação aos outros	29
5.5. Vínculos e relacionamentos	31
5.6. Situações marcantes – a realidade emergencial	32
5.7. Dificuldades enfrentadas	33
5.8. Auxílios, benefícios do estado e formas de sobrevivência	34
5.9. Drogas, sentido da vida e futuro	35
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
7. REFERENCIAS	39



RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar os fatores corporais e psicossociais implicados na vida de um morador de rua na cidade de Lages no Estado de Santa Catarina. Trata-se de um estudo qualitativo de natureza descritiva. A pesquisa teve sua abordagem teórica à luz da psicologia corporal. A amostra da pesquisa foi efetuada com a participação de 08 pessoas em situação de rua. Para a coleta de dados foram utilizados roteiros de entrevistas, com 16 perguntas que contemplaram questões relacionadas aos fatores psicossociais e sócio-histórico relacionados ao objetivo da pesquisa. O contato com os participantes da pesquisa foi efetuado em três etapas, nas ruas e praças do município. Quanto à coleta de dados, foi realizada através de um acompanhamento da vida e da rotina das pessoas em situação de rua com o intuito de criar um vínculo com os sujeitos, proporcionando fidedignidade nas respostas. Constatou-se que o principal motivo, que levou os sujeitos a viver em situação de rua é o consumo de drogas associado a desestrutura psicológica. Os motivos que implicam na permanência dos mesmos nesta condição é a rede formada pelos próprios moradores de rua, além da forte dependência química e da falta de uma rede de apoio psicossocial. A relevância social e científica da pesquisa é compreender a realidade dos moradores de rua e sua condição de vida, o que determinou tal escolha do tema e os fatores que mantém e alimentam esta situação, afim de contribuir com a Teoria Reichiana e instrumentalizar os profissionais da área da saúde a criar políticas públicas coerentes com os valores subjetivos dos sujeitos em questão.

Palavras-chave: Couraças. Morador de Rua. Psicologia. Sociedade.

2. INTRODUÇÃO

Esta monografia tem o intuito de cumprir o requisito curricular obrigatório do curso de Especialização em Psicologia Corporal, para obtenção do título de especialista em Psicologia Corporal pelo Centro Reichiano – Curitiba, PR.

É composta de uma pesquisa que foi realizada com base em um trabalho de conclusão de curso de graduação¹, efetivado com moradores em situação de rua no ano de 2006 na cidade de Lages-SC. O objetivo da pesquisa foi evidenciar alguns fatores subjetivos, sociais e físicos que caracterizam uma pessoa residente em situação de vulnerabilidade social: “os moradores de rua”.

A necessidade de abordar este tema na ótica da psicologia corporal está relacionada às pesquisas e ao extenso legado bibliográfico de Wilhelm Reich. Este teórico foi um dos responsáveis por várias mudanças paradigmáticas em psicologia, focando seus estudos em temas importantes. Um deles, a economia sexual, se refere ao modo de regulação energética do homem ou ao modo como o homem lida com sua energia biológica. Além disso, a política sexual, ou seja, a aplicação do conceito de energia sexual a sociedade.

Evidentemente, que para uma pessoa chegar a condição emocional desfavorável, diversos conflitos fizeram parte de sua história. Basta observar um morador em situação de rua para perceber traços marcantes em sua expressão facial, postura e, principalmente, no seu modo de ser e viver. Moldados através de negação, da rebeldia e da humilhação, remetem-os a uma sensação de marginalidade.

Mas, enquanto sociedade, como chegamos a esse cenário? Qual nosso grau de responsabilidade para reverter essa situação? O que se pode possibilitar a nós e aos moradores em situação de rua para uma vida mais digna?

Volpi e Volpi (2002), pontuaram que a intensidade e o desejo de Wilhelm Reich na construção de um mundo humano, que aliou diversos teóricos a uma luta, para a expansão sócio, político e cultural da existência e por uma compreensão mais visceral das questões humanas. Pois, o convívio social é essencial na formação de nossa raça. Porém, um indivíduo ao nascer,

¹ Curso de Graduação de Psicologia da Universidade do Planalto Catarinense - Uniplac

não possui autonomia para escolher com quem irá se relacionar e conseqüentemente, se, esses relacionamentos irão garantir aparatos psicológicos saudáveis para a consolidação de sua sanidade psíquica. De acordo com Erikson (*apud* Cloninger, 1999, p. 149), “o ego desenvolve-se não apenas com questões biológicas, mas também com assuntos interpessoais denominados psicossociais”. Assim, os fatores responsáveis pela dinâmica evolutiva das pessoas e da sociedade passam pela esfera valorativa, cultural, moral e ética, criada através da conduta e da linguagem social do nascimento a vida adulta. Para Silva e Aquino (2004, p. 31), “é somente social que o homem pode tornar-se indivíduo” expressando sua individualidade, considerando-se que nessa individualidade está incluso sua mente, seu corpo, sua energia e suas emoções. Nesse sentido, Volpi (2005), diz que, a Psicologia Corporal se dedica a estudar as manifestações comportamentais e energéticas da mente sobre o corpo e do corpo sobre a mente, compreendendo-as e quando necessário, tratando-as em seu conjunto e em sua relação funcional.

Compreender a relação e os valores existentes entre o indivíduo morador de rua e a sociedade, pode ajudar na construção de uma nova identidade coletiva. Neste sentido, a exclusão que a sociedade impõe ao morador de rua e, sua vitimização, podem ser entendidas através da linguagem relacional, caracterizando a forma de pensar, os conceitos e suas ações. Martins (2002), considera que a exclusão que se entrelaça aos meios sociais, corresponde a um problema social que abrange todas as pessoas da sociedade. Uns porque os priva do básico para viver com dignidade e outros porque lhes impõe o terror da incerteza quanto ao próprio destino e ao destino de seus filhos e do próximo.

Navarro (1995) relata que quando a couraça social envolve o indivíduo, a individualidade e o conjunto das relações sociais, se tem o fenômeno da incomunicabilidade. A incomunicabilidade é justamente uma impossibilidade de troca. Nesse sentido, a exclusão está no que torna a sociedade indiferente em relação aos seus indícios visíveis, dos sem teto, dos sem trabalho e, sobretudo, dos sem esperança.

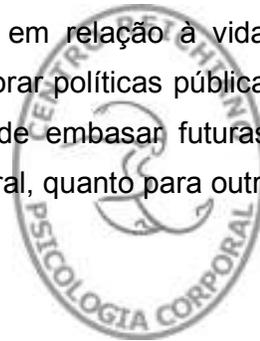
Para a psicologia corporal, aspectos como estes, são passíveis de intervenção, a fim de promover o reequilíbrio social tanto na subjetividade das pessoas em questão como nas relações que mediam esta subjetividade, desde que haja respeito aos limites éticos e individuais de cada um, até mesmo

aqueles que não possuem endereço, documentos pessoais e, consequentemente, credibilidade social.

Wilhelm Reich (2001), pontuou ainda, que o amor do povo a sua pátria, são experiências humanas sérias e profundas para serem utilizadas como objeto de irracionalismo político.

Diante do exposto, a pesquisa abordou fatores corporais e psicossociais implicados na opção e/ou condição de uma pessoa que se submete a viver em situação de vulnerabilidade social “os moradores em situação de rua”, visando descrever algumas causas sociais, políticas, ambientais, familiares e subjetivas que constituiu esse cenário, para assim compreender suas vidas. No que pertence a “opção” por viver em situação de rua, buscou-se avaliar os valores pessoais e sociais dos moradores de rua, no intuito de descobrir algumas causas que propiciaram aos mesmos a estarem em tal situação, sinalizando alguns fatores corporais envolvidos nesse processo.

A relevância científica dar-se-á a partir da compreensão do ponto de vista da psicologia corporal em relação à vida dos moradores de rua, (re) significando a forma de elaborar políticas públicas e sociais em sintonia com a realidade emergente, além de embasar futuras pesquisas no campo social tanto para a psicologia corporal, quanto para outras áreas do saber.



3. REFERENCIAL TEÓRICO

A marcha evolutiva da humanidade compreende uma série de eventos ambientais, físicos, sociais e culturais. Cada hipótese e/ou acontecimentos neste cenário, interfere e determina mudanças paradigmáticas da convivência e subsistência humana, tanto a nível individual como coletivo.

Neste contexto, o homem garimpa há séculos a compreensão de sua estadia na Terra. Com a ajuda da psicologia, filosofia e antropologia, questiona, interroga, duvida e principalmente sonha em alcançar significados relevantes de sua existência nesse planeta. Essa busca nunca encontrou tantos subsídios como na era digital e da globalização.

Do transporte animal a nanotecnologia, modificações neurobiológicas acentuaram-se no corpo humano em uma tentativa de adaptar-se ao cenário que os circunda. Vários fatores interferiram no livre fluir energético individual e coletivo. Uns arraigados a traumas históricos, outros criados a partir de dificuldades pessoais encontradas na expressividade e adaptabilidade social, física e ambiental. Nessas constantes tentativas de acertos, diversos erros foram cometidos, deixando marcas profundas na sensível personalidade do homem.

Uma das atrocidades cometidas pela humanidade ao longo da história em relação à própria humanidade é o morador em situação de vulnerabilidade social que terá um olhar nesse estudo, servindo de base para construir uma compreensão plausível em torno do cenário que se apresenta frente aos olhos da sociedade. O morador em situação de rua teve em sua história e ainda tem uma série de rupturas e bloqueios energéticos do livre fluir humano, tanto a nível individual como social. Nesta ótica é fundamental, primeiro compreender a identidade social e sua evolução, erros e acertos, para depois encontrar possíveis hipóteses da existência individual e coletiva neste cenário.

Navarro (1996) relata que, para um corpo tornar-se vivo, vital e funcional, para si e para a sociedade, a energia deve fluir livremente, sem bloqueios da cabeça aos pés e encontrar uma sexualidade satisfatória e sadia. Portanto, a luz da vegetoterapia, o sistema neurovegetativo de uma pessoa deve estar em equilíbrio, pois a ação deste, equilibrado ou não atua diretamente no caráter funcional do indivíduo. O autor salienta ainda, que a energia de uma pessoa é mais importante que seu diagnóstico.

Sendo assim, para Wilhelm Reich (2007), uma pessoa que sofre bloqueios emocionais em seu desenvolvimento, altera sua funcionabilidade vital, logo, perde a possibilidade de refletir sobre a importância de sua vida e das demais.

Há muito tempo, a humanidade caminha para re-encontrar sua essência, mas quanto mais nos aproximamos de novas tecnologias, explorações a outros planetas, física quântica, avanços da medicina e era da globalização, maior a distância que separa um ser humano do outro. Mesmo com todas as mudanças tecnológicas e sociais a existência do morador de rua, começou a ser relatado na literatura no século XVII, na Europa, início da industrialização e até hoje faz parte de nosso cenário. Porém, o movimento manicomial, caracterizou definitivamente estas pessoas, com o propósito de limpar das ruas as ameaças a burguesia (FOUCAULT, 1972). Mas qual o motivo que levava algumas pessoas a refugiarem-se nas ruas e mendigarem?

Não existe uma única resposta para essa pergunta, uma vez que o homem pode ser entendido como um ser complexo e multifacetado. Mas a nível individual e dentro de uma ótica corporal as ameaças sociais ou ecológicas podem afetar diretamente a segurança de uma pessoa, ainda mais se essa pessoa é uma gestante ou um bebê. Neste caso, dependendo da intensidade da ameaça é inevitável que ocorra algum bloqueio energético no primeiro segmento (segmento ocular). Os traumas emocionais podem ser entendidos como bloqueios energéticos do livre agir humano em fases específicas de seu desenvolvimento.

Analiticamente, a exposição traumática de uma gestante em relação à precariedade emocional do ambiente físico ou social e, a implicação disso tudo a nível emocional e energético para o bebê, pode tornar-se um trauma. Nesse sentido, Boadella (1992), relata que a emoção tem uma capacidade de mobilizar ou paralisar o corpo em relação a sua expressão. Diz ainda, que quando o fluxo emocional é bloqueado ou impedido de expressar-se no conjunto do desenvolvimento, a mobilidade é afetada gerando assim uma neurose. Para Navarro (1996), no homem atual, a energia é quase sempre carente ou bloqueada em um ou mais níveis corporais de sua musculatura, logo ocorre um efeito de uma má distribuição energética nos anéis do corpo.

Um exemplo de bloqueio energético generalizado é a hanseníase ou a lepra, que até o final da Idade Média, era representada pela figura simbólica do mal. Neste contexto, a lepra foi eleita para objetar o castigo e o leproso, era

quem mais se aproximava desse castigo. As pessoas portadoras de hanseníase ficavam afastadas da sociedade e após seu afastamento, suas casas eram destruídas ou queimadas, com a finalidade de eliminar a enfermidade e junto com ela os demônios que os acompanhavam. Isolados, passavam a se relacionar apenas com seus iguais (portadores de hanseníase) e não existia nenhuma preocupação social de cura voltado para os mesmos. Deste modo, ficavam sem casa, família e convívio social saudável, sua identidade passava a se tornar sinônimo de problema social (FOUCAULT, 1972).

Alguns séculos depois, a exclusão social mudou de foco, e passou a ser retratada pela figura do louco, ou os que contrariavam as idéias impositivas do poder vigente. Assim, eram expulsos de suas cidades e acabavam ficando sem escolha para onde ir ou ficar, restando apenas o destino incerto, vagar sem rumo pela vida, tornando-se prisioneiros de sua liberdade.

Para Navarro (1995), quando perigos internos e externos ameaçam o equilíbrio psíquico de uma pessoa, o instinto de conservação forma uma estrutura defensiva como uma armadura: a couraça. Nesse sentido, a couraça pode ser vista como uma via de mão dupla, pois da mesma forma que um morador de rua salienta sua couraça para poder sobreviver, a sociedade defende-se desta ameaça auto-imposta, com outra couraça, ou a insegurança.

Brigadão (1997), ainda contribui nessa análise dizendo que:

O indivíduo é formado por um acervo de questões comuns: sexualidade, lugar na família, na escala geracional e social, construindo uma imagem de si mesmo até a sua morte. A sociedade até garante uma "imagem" desse indivíduo, mas a apenas a imagem, não sua substância, sua ontogênese. (BRIGADÃO, 1997, p. 223).

No Brasil, a necessidade de uma sistematização da loucura teve início com a chegada da Família Real, pois, até então, os considerados "loucos" de maior poder aquisitivo, eram mantidos trancados em suas casas ao cuidado das famílias, enquanto os pobres sem ter para onde ir, viviam e ainda vivem vagando livremente pelos campos e pelas cidades sem território definido. Nesse sentido, Amarantes (1994), relata que a vinda da Família Real para o Brasil, impõe ao Rio uma classe social até então inexistente. A preocupação com a loucura exposta nas ruas era um tema que interessava a corporação médica, mas que foi gestado e desenvolvido em parceria com a preocupação da Corte, pois a metropolização das cidades do Império era vista como

prioridade. Miranda, (2001) diz que, inicialmente esta “limpeza das ruas” era realizada através da exclusão social dos “loucos” e “vagabundos” em porões da Santa Casa de Misericórdia. O “cuidado” aos excluídos eram prestado por escravos, voluntário e religioso, sem nenhuma preocupação científica.

Somente em 1830 começou o questionamento sobre o encarceramento do louco nesses hospitais, dando início a um processo de medicalização. Seguindo modelos europeus de cuidado e privação, a “loucura” e a “vagabundagem” no Brasil culminaram com o surgimento do primeiro hospício brasileiro no ano de 1852.

A partir de então, o louco e a pessoa que vagava sem rumo passaram a ser inseridos nestes locais, acentuando ainda mais o estigma e o distanciamento da sociedade brasileira sobre o estigma da loucura. Brigadão (1997), relata que dentro destas instituições, os valores morais podem se entrecortar (culturas e civilizações podem ser incompatíveis), entre a sociedade, grupos e entre um indivíduo e outro, mas isso não quer dizer que uns valores sejam verdadeiros e outros falsos.

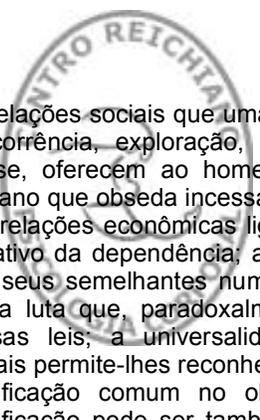
Recentemente, com a criação dos direitos humanos e as políticas públicas, alguns serviços e cuidados prestados às pessoas que vagam pelo mundo sem rumo nem objetivos e aqueles que por um deslize da vida acabaram tendo algum tipo de desordem psicológica severa, tornou-se oneroso e em alguns casos extintos. A pergunta que se faz é a seguinte: como fazer para recuperar a dignidade humana daquelas pessoas cuja identidade se perdeu ao longo de sua história pessoal?

Sem o intuito de isentar ou culpar a esfera social, mas com o objetivo focado apenas sobre o fenômeno que leva as pessoas a submeterem-se em viver na situação de rua é que permeia esse projeto. Nesse sentido, pode-se levar em conta que toda personalidade é construída a partir de dois fatores básicos: os hereditários e os ambientais. Sendo assim, porque a pessoa em situação de rua, muitas vezes ainda é taxada de louco? Para Foucault (2000, p.19) “a cada individualidade mórbida deve ser entendida através da prática do meio a seu respeito”. Assim, a síntese do passado e do futuro em termos valorativo na ótica da identidade dos indivíduos envolvidos na malha das relações humanas, constrói-se e se constitui através de uma linguagem comum, que envolve símbolos, valores, paradigmas, crenças e se modifica a cada nova experiência vivenciada pelo homem e suas relações.

Segundo Reguera (2005, p. 94), “Não se nasce com uma identidade definida, mas ela vai sendo construída por assimilação e contraste”. Portanto, os valores sociais, familiares e pessoais protagonizam a forma de vida das pessoas e o tipo de relacionamento entre os atores sociais. No pensamento reichiano, essa identidade também será o caráter da pessoa. Para Reich (2004), o caráter é um conjunto de reações e hábitos de comportamento que vão sendo adquiridos ao longo da vida e que especificam o modo individual de cada pessoa. Portanto, o caráter é composto das atitudes habituais de uma pessoa e de seu padrão consistente de respostas para várias situações.

Segundo Reich *apud* Boadella (1992), o caráter de uma pessoa era sua história congelada e quando o caráter suaviza a história derrete e torna-se fluida novamente.

Outro fator importante em relação à construção do caráter para os moradores em situação de rua é a influência da política econômica que governa as regras sociais e subsidia o modo de vida do mundo atual. Foucault (2000) diz que:



As relações sociais que uma cultura determina, sob a forma de concorrência, exploração, rivalidade de grupos ou lutas de classe, oferecem ao homem uma experiência de seu meio humano que obseda incessantemente a contradição. O sistema das relações econômicas liga-se aos outros, mas pelo vínculo negativo da dependência; as leis de coexistência que o unem aos seus semelhantes num mesmo destino opõem-se a eles numa luta que, paradoxalmente, é apenas a forma dialética dessas leis; a universalidade dos vínculos econômicos e sociais permite-lhes reconhecer no mundo uma pátria e ler uma significação comum no olhar de todo homem, mas essa significação pode ser também a da hostilidade, e esta pátria pode denunciá-lo como estrangeiro (FOUCAULT, 2000, p. 93-94).

Nessa ótica, a tendência do equilíbrio social e pessoal depende do interesse individual de cada cidadão e seus governantes. Mas o que fazer quando o ser humano é visto como uma cifra e sua busca gera crises que se instala na vida do homem e divide opiniões, assolando milhares de pessoas em nome da sobrevivência? Para Vala e Monteiro (2004, p. 238), “a realidade social é conceptualizada como relativa e as noções de certo e de errado como convenções”.

De modo geral, a “batalha” pela sobrevivência é uma tentativa de adaptar os desejos pessoais à realidade imposta pelos interesses sociais e manter-se dentro dos parâmetros eticamente aceitos. As convenções desses parâmetros são construídas e reconstruídas constantemente e se dão pelo

julgamento individual e social dos valores e das relações. Neste sentido, se as relações sociais criarem situações traumáticas, estas poderão prejudicar o desenvolvimento individual levando o homem a constituir um bloqueio emocional ou couraça muscular em sua estrutura. Dependendo da intensidade do trauma (couraça) e dos níveis energéticos e emocionais dos indivíduos, a batalha pela sobrevivência na esfera social pode tornar-se intransponível e nem sempre sentida como saudável.

A saúde pessoal depende da saúde emocional coletiva e vice-versa. Essa rede de apoio irá proporcionar um leque variado de ações, com o objetivo de manter a homeostase individual em relação à vida social. Essas estratégias de equilíbrio são essenciais para a resiliência. Álvares, Alvarenga e Ferrara, (2004) dizem que, o conceito de resiliência é a capacidade humana de fazer frente às adversidades da vida, superá-las e sair delas fortalecido ou transformado.

Na ausência da capacidade de resiliência individual ou da incoerência energética corporal, devido ao desajuste sócio histórico no contexto social, poderá levar cada vez, mais pessoas, a uma situação de vulnerabilidade. Sendo assim, o cenário social reflete a somatória de todas as crenças e valores introjetados na subjetividade coletiva e cristalizado na realidade. E como forma de representar a alienação das pessoas enquanto realidade social, cada vez mais desajustes psicológicos eclodem para contrabalancear esse cenário.

Em pesquisa feita por Alvarez, Alvarenga e Ferrara (2004), constatou-se que os sentimentos dos moradores de rua, são: desconfiança da sociedade, nos provedores externos e na própria capacidade para enfrentar suas necessidades e desejos mais urgentes. Assim, os sentimentos individuais e sociais simbolizam os valores que são adotados pela sociedade e seus cidadãos. E para a psicologia corporal, a desconfiança é indício de um bloqueio emocional arraigado na estrutura caracteriológica.

A estrutura caracteriológica se forma durante o desenvolvimento que o ser humano irá atravessar desde a gestação até a adolescência. Para Volpi (2005), as etapas do desenvolvimento representam momentos de passagem que induzem à incorporação de experiências vividas e determinam a entrada e a saída de um momento a outro, decisivas para a formação do caráter. Portanto, um estresse sofrido em uma ou mais etapas irá gerar uma fixação da libido, que irá determinar o tipo ou traço de caráter.

Reich (2004, p. 151), define caráter como sendo “uma mudança crônica do ego que poderia ser descrita como um enrijecimento”, cuja finalidade é protegê-lo dos perigos internos e externos. A formação e o tipo de caráter de uma pessoa será determinada por vários fatores pulsionais frustrados. Assim, a “estrutura de caráter impede o estabelecimento de uma regulação econômico-sexual da libido, condição prévia de uma doença neurótica futura” (REICH, 2004, p. 154).

Se a frustração se der na etapa intrauterina ou até os 10 primeiros dias de vida, chamada de etapa ocular ou de sustentação (VOLPI e VOLPI, 2003), a criança terá um tipo de caráter esquizóide (VOLPI e VOLPI, 2003). Para Volpi (2005), durante a gestação e primeiros anos de vida, a criança mantém a sua relação em referência com o meio ambiente sentindo e incorporando essas experiências a partir dos telorreceptores do tato, dos olhos, dos ouvidos e do nariz. De um ponto de vista mais sutil, essa sensação corresponde aos movimentos plasmáticos do organismo, onde o fluxo dos líquidos se altera segundo os movimentos de expansão e contração de órgãos e vísceras, movimentos estes, determinados pela prevalência do sistema nervoso simpático e parassimpático. A criança possui um sistema energético que está em contínua interação com o meio ambiente e dele depende para a formação de seu caráter, moldado de acordo com as experiências vividas. Assim, o organismo se modela de acordo com o meio ambiente em que a criança é inserida.

Organismo e meio ambiente estão em permanente comunicação e troca energética. Qualquer ambiente considerado estressante e pouco receptivo, irá frustrar as necessidades básicas e primárias do organismo e interferir em seu desenvolvimento neuropsicofisiológico.

Uma vez que no primeiro ano de vida, a criança é incapaz de se alimentar sozinha, de se defender dos perigos e de perceber claramente o mundo exterior à sua volta, se a frustração se der na segunda etapa do desenvolvimento psico-afetivo, que ocorre entre o nascimento e o primeiro ano de vida, a criança terá um tipo de caráter oral (REICH, 2004). Para Volpi (2005), se a criança não for cuidada e amparada, poderá morrer. Entretanto, para que a criança possa se desenvolver e aprender tudo o que sua potencialidade lhe permite, é necessário um meio ambiente favorável e que a estimule adequadamente.

Caso ocorra uma frustração na terceira etapa, a criança terá um tipo de caráter masoquista ou obsessivo-compulsivo (REICH, 2004). E por fim, se a frustração se der na quarta etapa, a criança terá um tipo de caráter histérico ou narcisista (REICH, 2004).

Para Volpi e Volpi (2002), as etapas representam momentos de vida que incorporam-se as experiências vividas. Cada etapa é caracterizada por fenômenos específicos que trazem consigo do primeiro momento de vida uma bagagem de informações genéticas – emocionais, afetivos, intelectivos e fisiológicos. Essas informações incorporadas as experiências do desenvolvimento serão acrescidas e moldadas até a vida adulta, formando assim o caráter específico de uma pessoa.

Isso não quer dizer que exista caráter isolado e específico, mas a soma de pequenas vivências, felizes e frustrantes, em cada fase evolutiva, resultará em uma dinâmica particular. Nesse sentido, e para fins ilustrativos, pode-se citar comportamento relacionado com as fases evolutivas da seguinte forma: o esquizóide terá como comportamento básico a esquia; o oral a dependência; o masoquista a lamentação e o sofrimento; o obsessivo-compulsivo a ordem e limpeza; o fálico-narcisista o poder e o histérico a sedução (VOLPI, 2004). Portanto, cada pessoa é constituída de mecanismos de próprios de defesa, que são apreendidos através da carga afetiva e energética durante as etapas evolutivas.

O indivíduo que vive em situação de rua pode estar nessa condição por uma soma de vários momentos de desequilíbrio energético. Destaca-se duas causas fundamentais: a primeira, reflexo da desestruturação psicoafetiva em seu desenvolvimento e, a segunda, pelos valores sociais (econômico, político e religioso), a nível das relações humanas.

Neste sentido, o morador em situação de rua, ainda carrega um estigma, a do louco, que, criado ao longo da história, fez com que as pessoas deixassem-nos a margem da sociedade. E, como o cenário social foi e ainda é construído e escrito por pessoas ditas normais, somente através delas é possível redesenhar um novo cenário urbano, mais digno e saudável para todos. Mesmo porque, podemos pensar que só existe oprimido se houver opressor. E que, a exclusão não é necessariamente consciente, mas construída ao longo da história que, passa pela esfera afetiva e valorativa de cada um.

4. MÉTODO

4.1. Caracterização da pesquisa

Trata-se de um estudo qualitativo de natureza descritivo e exploratório, tendo como objetivo conhecer quais são os fatores psicossociais que levam as pessoas a viverem em situação de rua. O presente trabalho foi realizado nas ruas e praças da cidade de Lages – SC, no período de agosto a outubro de 2006.

4.2. Participantes

Participaram da pesquisa 08 pessoas em condição de rua, com idades que variam entre 20 a 62 anos, de ambos os sexos.

4.3. Local da pesquisa

O presente trabalho foi realizado nas ruas e praças da cidade de Lages, no Estado de Santa Catarina.

4.4. Instrumento

Para a coleta de dados no campo da pesquisa, foi utilizado: entrevista baseada em roteiro semi-estruturado (Apêndice 1), contendo 16 perguntas básicas, que abordaram questões relacionadas aos fatores psicossociais e sócio-históricos, dos moradores em situação de rua.

4.5. Procedimentos de coleta de dados

Primeiramente, foi feito um levantamento do número de moradores em situação de rua no período de agosto a outubro de 2006, na cidade de Lages, por meio de observação, onde estimou-se 22 pessoas em situação de rua.

Através desta primeira observação, verificou-se a dinâmica de um grupo de moradores em situação de rua. Após o período de observação, verificou-se que o horário em que os moradores de rua encontravam-se sem o efeito do álcool, era entre 12:00h e 15:00h. A partir desse dado, elaborou-se uma estratégia de *rapport* no horário previamente determinado. O primeiro contato direto ocorreu em no local onde os moradores de rua costumam se refugiar,

sentindo um clima favorável por ambas as partes agendamos outra visita. A segunda visita ocorreu para consolidar, o vínculo com os moradores em situação de rua e extrair alguns dados para a pesquisa.

Na terceira visita, formalizaram-se as entrevistas. Deixou-se claro aos participantes que as informações por eles prestadas serão mantidas em anonimato.

Repetiu-se uma quarta visita para entrevistar outros participantes do grupo inicial, porém, não foi possível executar mais pesquisas neste grupo de moradores em situação de rua, por dois motivos: pessoas que nos primeiros encontros foram receptivas não estavam mais no local e outras, que lá se encontravam, não concordaram em responder ao questionário.

Deste grupo, conseguiu-se extrair cinco entrevistas, as outras três, foram realizadas com moradores em situação de rua de outras localidades da cidade. Porém não houve acompanhamento prévio para criar vínculo com o pesquisador.

O período de observação do grupo durou em torno de duas semanas realizadas diariamente. As visitas prévias duraram em média 3h e cada entrevista teve uma duração de 1h e 30 min.

4.6. Procedimentos de análise e interpretação dos dados

Após a coleta de dados, as informações foram organizadas em categorias emergentes da fala dos participantes para serem analisadas qualitativamente. Buscou-se identificar, a partir do discurso dos entrevistados, conteúdos significativos que pudessem contribuir para responder ao problema de pesquisa.

Dentre os autores utilizados, no intuito de estabelecer links com as informações levantadas nas entrevistas, menciona-se Reich, Navarro, Volpi e Volpi entre outros.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à pesquisa com os moradores em situação de rua, os depoimentos indicam que alguns fatores, tais como: baixa autoestima, pouca percepção de futuro, dependência química, vínculo familiar fragmentado, baixa estrutura sócioeconômica, alienação em relação à liberdade, conformismo da atual situação, saúde precária e falta de rede de apoio social, contribuem para que os moradores em situação de rua permaneçam engessados nessa condição social. Além do que, a dependência química amortiza toda e qualquer esperança de dias melhores, contribuindo para cronificar a saúde dos mesmos e da sociedade.

Para melhor compreender e explorar os processos que envolvem tais situações, os dados coletados são apresentados em tópicos de discussão construídos a partir de categorias extraídas do discurso dos entrevistados, onde foram relatadas suas impressões diante de sua própria condição e da percepção social dos mesmos. Além de relatos de suas experiências mais marcantes e as estratégias de sobrevivência. Por fim, as informações apresentadas são discutidas à luz da psicologia corporal e outros autores da psicologia clássica, filosofia e sociologia.

5.1. Tempo de experiência na condição de rua

Em relação ao tempo em que os oito moradores de rua relataram que vivem em situação de rua, dois entrevistados, declararam que vivem na rua de dois a quatro anos, dois de quatro a seis anos, um relatou que vive na rua a mais de seis anos e três não souberam responder, ou responderam de forma vaga, tal como no trecho que segue:

“Já faz tempo”.

“Faz muito tempo”.

De acordo com Figlie; Bordin; Laranjeira (2004), a perda de memória transitória pode ser induzida por intoxicação, “*blackouts* alcoólicos”, seus sintomas ocorrem após incidentes de consumo pesado. A amnésia pode ser densa e total ou fragmentada.

5.2. Os motivos que teriam a viver em situação de rua.

Com relação a viver em situação de rua, os entrevistados relatam as mais diversas situações, sendo estas, relacionadas principalmente a desestrutura familiar decorrentes ao consumo de drogas. Das oito pessoas entrevistadas, todas disseram que são dependentes químicos mesmo antes de viverem em condição de rua. Algumas relataram que estão vivendo em situação de rua por problemas com drogas, sendo que, entre elas, seis afirmaram que consomem o álcool de forma abusiva.

“Sou alcoólatra, tenho depressão. Depois que perdi a esposa decidi morar na rua”.

“Não conseguia ficar sem usar drogas. Quando fui expulso de casa, ninguém me apoiou, por isso fui morar na rua”.

“Não consegui me controlar por causa da bebida. Não queria encontrar mais ninguém, daí saí pra rua”.

“Minha esposa me traiu. Decidi ficar bêbado, encontrei uns amigos na rua e fiquei aqui”.

Para amenizar a angústia de viver, uma pessoa energeticamente bloqueada, busca em fontes externas algo para satisfazer o vazio existencial. Neste caso, para conseguir realizar a restrição das pulsões exigidas pelo mundo e ser capaz de lidar com a energia desta inibição, o ego tem de passar por uma adaptação. Para Reich (2004), é como se a personalidade afetiva se encouraçasse e, necessitando de energia assumisse uma condição própria, uma vez que o caráter é sustentado pelo consumo contínuo de forças libidinais.

Para Figlie, Bordin e Laranjeira (2004), o uso abusivo do álcool e outras drogas está frequentemente associado ao mau funcionamento familiar e social. Certamente, é na primeira infância (do nascimento até 1 ano de idade) que a formação inicial do “eu” é formada. Nesse caso, até então, o bebê não se percebia como um ser independente e é a partir de então que começa a perceber o outro. Para Navarro (1995) a amamentação deficitária – sob vários aspectos – se fixará na formação do eu, ligando-se na vulnerabilidade e na formação de perda, causa de uma tendência a depressão, o que pode, com o tempo, após eventuais existências frustrantes, levar a depressão psicótica. Verifica-se então a formação de um núcleo psicótico bloqueado pela caracterialidade, característico da formação *borderline*. É preciso acrescentar, que uma frustração fetal ou neo-natal, responsável pelo núcleo psicótico, pode com uma frustração posterior, ser a origem de outro núcleo psicótico, dando origem ao duplo núcleo psicótico.

Navarro (1995), diz ainda, que muitas pessoas aparentemente normais são na verdade borderline e, somente após surgir situações frustrantes e graves, sua depressão se desloca para os olhos em uma tentativa de fugir da situação depressiva que podem provocar impulsos suicidas, neste caso, a droga e o alcoolismo exprimem impulsos suicidas.

Outro fator relatado, foi à resistência da família em não aceitar a condição de dependência e o incômodo ocasionado por estes, repercutindo na dinâmica familiar. Fatores associados com o consumo de drogas e a desestrutura familiar, foram relatados por sete entrevistados.

“Quando comecei a usar drogas aos 20 anos, meus pais me expulsaram de casa. Morei um pouco na rua, depois voltei para casa. Meus pais morreram, sou filho único vendi tudo por causa da droga e voltei morar na rua”.

“Tenho uma família, mas eles não gostam de mim. Me batem”.

“Eu tinha casa. Minha mãe faleceu e minha avó vendeu a casa e desapareceu, ficando ainda com minha pensão. Como não consegui um bom relacionamento com minha avó, fui morar na rua. No começo foi difícil, mas, devagar, aprendi a me virar”.

Neste caso, ao observar os relatos, podemos extrair alguns dados importantes referentes à oralidade ou dependência dos participantes. De acordo com Volpi e Volpi (2003), o caráter oral é passivo, deprimido e dependente, pode estar relacionado com uma hostilidade. Este tipo de caráter, tem dificuldade de enfrentar oposição. Deseja ser sustentado e, geralmente revolta-se com a necessidade de autosustento.

Para Navarro (1995), o modo de reagir do oral insatisfeito, é aquele que geralmente esconde a sua depressão e a incapacidade de enfrentamento, compensando-as com álcool ou outros tipos de drogas. Segundo Figlie, Bordin e Laranjeira (2004), fatores como baixa autoestima e baixa autoconfiança promovem o favorecimento do consumo de álcool, diz ainda que, pessoas com depressão, hipomania, ansiedade, sentem-se paliativamente aliviadas com a ingestão do álcool. Os autores sugerem, que nos transtornos de personalidade, existe uma estreita associação do consumo de álcool e outras drogas com a personalidade antissocial, sendo que a personalidade antissocial antecede ao consumo do álcool. As complicações sociais dos moradores em situação de rua são várias, incluindo: fracasso em cumprir o papel social nas relações familiares, dificuldade em cumprir o papel profissional e também no relacionamento interpessoal, acarretando uma série de prejuízos para si e para

os demais, podendo levar a crimes ou a agravos de maior relevância para o dependente químico.

Neste sentido, um caso isolado de desestrutura familiar ficou evidente, mas, indiretamente associado à dependência química. No depoimento que segue, fica claro a relação estreita entre consumo de drogas e a desestruturação familiar:

“Quando criança o meu pai era alcoólatra, porém tinha um emprego razoavelmente bom na Petrobrás, quando em uma eventualidade da vida assassinou quatro pessoas. Após o fato morei com minha avó, que mais tarde faleceu, desde então, fui morar no orfanato com oito anos e lá permaneci por mais oito. Foi no orfanato que aprendi a ler. Quando meu pai saiu da cadeia não possuía mais nada, gastou tudo com advogado e então foi viver na rua. Decidi sair do orfanato e morar com meu irmão em Florianópolis, aí comecei a usar todo tipo de droga e fui morar com meu pai na rua.”

Para nossa sociedade, cujo núcleo de sobrevivência central é o capital, a luta para conquistá-lo tende a empurrar “para fora” do sistema, a excluir algumas pessoas, mas ao mesmo tempo em que faz essa exclusão, tende a buscar mecanismos de inclusão, ainda que de forma degradada e em condições sociais adversas. Para Souza e Trindade (2004), a exclusão está relacionada à desigualdade social de fundo econômico causando-os privações, discriminação e banimento social.

Outro motivo que pode estar relacionado ao fato dos sujeitos viverem em situação de rua refere-se ao acolhimento, a amizade, ao companheirismo e a liberdade que encontraram na rua. Das quatro pessoas que afirmam ser este um forte motivo de sua decisão em viver em situação de rua, seguem dois relatos extraídos de suas falas:

“Eu gosto dos meus amigos, tenho aqui o que não tive com minha família”.

“Gosto, me sinto bem”.

Para Paugam (2006), a vida de um morador de rua, assemelha-se a uma fuga sem esperança, onde não se tem mais nada a perder. Após interiorizar esta questão, passam simplesmente a satisfazer suas necessidades imediatas. O mesmo autor, diz ainda que, indivíduos que se tornam moradores de rua manifestam necessidade de integração social. Para eles a solidão é muitas vezes compensada pela companhia de um cachorro. No caso da pesquisa pela companhia dos colegas em igual situação de vida.

De acordo com Nietzsche (2006), a legítima defesa da moral deve admitir também quase todas as manifestações do “egoísmo imoral”: Causa-se sofrimento, rouba-se ou mata-se para se conservar ou se proteger. Para o mesmo autor, esta expressão psicológica permite paliativamente tornar o fardo da vida mais leve. Apesar de tudo, tornou-se necessário o ressurgimento da observação moral e não pode ser poupado à humanidade, o espetáculo cruel da mesa de dissecação psicológica.

5.3. Sentimento imediato

Com relação ao sentimento em morar em situação de rua as respostas ficaram divididas em duas situações: quatro pessoas relataram sentir-se bem vivendo em tal condição e outros quatro entrevistados relatam sentirem-se mal em viver na condição de rua. Os que relataram favoravelmente a situação em que vivem afirmaram:

“É um presente do céu, pra mim é muito bom”.

“Estou melhor do que quando estava em casa”.

“Pra mim esta tudo bem, quando estou doente meus amigos me ajudam”.

Em uma sociedade onde a cultura é capitalista, torna-se difícil compreender a escolha de uma pessoa a viver em situação de rua, ainda mais quando este lugar oferece prazer em estar lá. Porém, se essa abnegação fosse apenas por uma crença filosófica ou religiosa, até teria uma explicação mais saudável e coerente, mas nesse caso, se analisar o assunto tratado anteriormente, em relação à dependência química, pode-se supor que há um desequilíbrio na estrutura psicológica dos entrevistados que acham bom estar em situação de total dependência química, física e psicológica.

Uma característica comum dos entrevistados é a tendência de regredir a situação psicótica e não a depressiva, pois nesse caso é preferível achar que se está bem, que buscar transcender tal situação, característica comum do caráter borderline.

Navarro (1995), diz que o momento psicótico é o momento da homogeneização da desestrutura em que evitamos a situação da morte voltando à situação de zigoto, morrendo com o eu. Para alcançar o nível dos olhos, o borderline precisa passar pela boca, que representa o momento suicida. Navarro salienta ainda que, se a energia continua para o alto, vai em

direção a morte e se recua para defender-se vai em direção a situação mística psicótica.

Para Souza e Trindade (2006, p. 81), “muitos dos moradores de rua já decidiram que vão ficar vivendo na rua para sempre, e esse é um aspecto da realidade social”. Vigotski (2003), diz que, o homem é social, logo depende das relações para constituir-se enquanto sujeito. Afirma ainda, o fato desconcertante de o homem exibir uma liberdade extraordinária, mesmo com respeito a intenções sem o menor sentido.

Para os entrevistados que relataram sentirem-se mal em viver em condição de rua, observam-se em seus relatos que as queixas ou arrependimento estão relacionados a fatores como sociais e econômicos, observado a seguir:

“Sinto falta da minha família, casa e amigos”.

“Tenho que ter meu serviço de volta, me arrependi de ter abandonado tudo”.

Nesse caso, as queixas ou arrependimento estão relacionadas a fatores como conforto e qualidade de vida já experienciados. Aqueles que já viveram em condições de vida mais favoráveis, passam por maiores dificuldades de adaptação na condição de viver em situação de rua. Para Volpi e Volpi (2003, p. 74) “a pessoa deprimida viveu um fechamento, (...) perante uma situação de perda. A pessoa deprimida vive no passado, negando seu presente.” Para Souza e Trindade (2004), os fatores que levam as pessoas a viver na rua fazem parte de um processo histórico e não o resultado de uma opção de livre escolha. Já Reguera (2005, p. 43), salienta que, “Pulos de ambientes obrigam a um esforço na medida em que temos que nos desprender do que somos ou possuímos”

5.4. Sentimentos em relação aos outros

Ao relatarem sobre a percepção que os entrevistados tem em relação às outras pessoas, na maioria dos casos constatou-se baixa autoestima em relação a sociedade.

“Pra eles somos indigentes, não existimos”.

“Dizem que estou errado de vir morar na rua”.

“Pensam que somos vagabundos, que bebe e fica pedindo”.

Geralmente a sensação do sentimento alheio, nada mais é que uma projeção do próprio sentimento. Neste sentido, para Reguera (2005), a desconfiança é um fenômeno comum, uma espécie de projeção da própria vulnerabilidade sobre os demais. O mesmo autor diz ainda que por falta de possibilidades na vida, fica fácil deslocar a injustiça, generalizá-la e atribuí-la a qualquer pessoa e em qualquer momento.

Reich (2004, p. 58), relata que, “a resistência do caráter não se expressa em termos de conteúdo, mas de forma: o comportamento típico, o modo de falar, andar e os hábitos característicos”. Ou seja, o “encouraçamento do caráter” do ego contra o mundo exterior.

Constatou-se também que as experiências dos moradores em situação de rua, aglutinam e reforçam o distanciamento das relações sociais.

“Quem me conhecia antes, hoje me discrimina e rejeita, e as outras pessoas fingem que a gente não existe”.

“Que tem que me ajudar”.

“A sociedade é boa, mas é cruel. Todo mundo tem sua casa e seu carro, o que custa ajudar”.

“As pessoas olham com cara de nojo, pensam que somos menos que eles. Apenas a situação é diferente”.

“Eles não enxergam. Para eles somos transparentes. Nós não existimos para a sociedade”.

Neste sentido, podem-se perceber nos relatos dois fenômenos comuns: a projeção da rejeição propriamente dita e a rejeição realmente vivida. Para o segundo caso Sawaia (2006), contribui com a análise dizendo que, a exclusão é um processo complexo e multifacetado que abrange dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É um processo que envolve o homem por inteiro, além de suas relações com os demais.

Somente dois entrevistados afirmaram uma “certa neutralidade” com a percepção alheia:

“Cada um é cada um, eu moro aqui, está bom pra mim e onde eles estão, está bom pra eles também”.

“Amo minha família. Tenho contato freqüente, mas decidi morar na rua”.

Se observarmos que nos relatos anteriores, todos os entrevistados afirmam envolvimento com drogas, pode-se perceber que há outros fatores implícitos na decisão de viver em situação de rua, além da falta de compromisso consigo e com os demais. Sendo assim, para Deleuze (2006, p. 46), “Um conceito é cheio de força crítica, política e de liberdade”; ainda para o mesmo autor a potência do sistema destaca o que é bom ou ruim, e tudo depende do uso e da prudência do sistema. Souza e Trindade (2006), entendem que as sociedades, tradicionais e contemporâneas, se constituem a partir de diferenças que enriquecem a existência e as experiências humanas. Pode-se dizer que as sociedades são os reinos das diferenças e onde reinam as diferenças são gerados interesses divergentes, tensões e conflitos que exigem soluções. Já Sawaia (2006, p. 8), diz que, “a exclusão passa a ser entendida como um descompromisso político com o sofrimento do outro”.

“As pessoas não têm respeito, elas não entendem o porquê e nem querem entender o que levou a gente estar aqui”.

“Minha mulher me abandonou, e eu gosto dela ainda. Meus pais não me aceitam porque bebo”.

Para Paugam (2006), existem casos em que as pessoas em situação de rua, perderam emprego e moradia, acumulando inúmeros problemas sociais. Não se trata mais de enfraquecimento, mas de uma ruptura dos vínculos sociais. Já para Rey (2004), um sistema, de crenças e representações socialmente produzidas, determina e define a saúde e doença a partir de critérios externos aos processos vitais dos sujeitos e grupos envolvidos, gerando limitações, preconceitos e espaços de identidade social, que terminam danificando as pessoas envolvidas mais que o próprio estado de doença.

5.5. Vínculos e relacionamentos

Em relação à percepção do vínculo familiar, foi evidenciado um severo bloqueio estrutural e bioenergético a tal ponto, que três pessoas descartaram qualquer vínculo ou lembrança psicoafetiva de seus familiares. E para todos os entrevistados caracterizou-se o atual arranjo, uma forte compensação da realidade familiar. Neste sentido, foi extraído alguns relatos afirmando a atual situação dos vínculos estabelecidos em relação aos vínculos familiares:

“Minha família é minha comunidade, meus amigos”.

“Bem ótimo, um ajuda o outro, a união faz a força”.

“Depois que vim morar na rua são eles minha família”.

A principal etapa para formação do caráter, é considerada para muitos teóricos a infância e as primeiras experiências que uma pessoa teve. Para a psicologia corporal, o caráter geralmente é moldado até os 8 ou 9 anos de idade. Reich (2004), diz que as formas de reações do ego podem ser remontadas as experiências infantis da mesma maneira que o conteúdo dos sintomas e das fantasias.

Navarro (1995), diz que o caráter pode ser definido como um modo habitual do indivíduo agir e reagir, a fatos e pessoas e que toda estrutura da caracterialidade é formada até os 8 ou 9 anos de idade. Sendo assim, através das falas, pode-se observar uma transferência da afetividade para a situação atual. Embora que para Figlie, Bordin e Laranjeira (2004), indivíduos com níveis acentuados de transtornos de personalidade, pela transferência negativa e destrutiva que estabeleceram seus vínculos afetivos iniciais, sofrem uma probabilidade maior de reprodução deste comportamento quando reforçado no grupo, pois geralmente, vêm neste, o espaço e a necessidade de domínio e de transgressão do limite.

5.6. Situações marcantes – a realidade emergencial

A inadaptação é surpreendente, pois o inadaptado (moradores em situação de rua) é retalhado pelo adaptado (sociedade). Este último, que deveria prestar todas as formas de solidariedade em uma tentativa de resgatar o inadaptado da situação nefasta, em alguns casos, acaba ampliando a distância que separa os dois. Nos depoimentos que seguem, são relatadas experiências traumáticas ligadas a forma como os moradores de rua se sente em relação à sociedade. Volpi e Volpi (2003), relatam que a violência presente em alguns crimes como a desumanidade da violência gratuita, é um sinal de narcisismo, uma vez que o sujeito veja o outro como um ser destituído de vida. Nos relatos abaixo, poderemos observar como essa violência emerge e expressa-se no dia a dia de um morador de rua, evidenciando ainda mais o caráter de desequilíbrio social.

“Não vi quem foi, jogaram a pedra da rua, eu tava deitada e me atingiu”.

“Passo pelas pessoas e elas fingem que não me vêem”.

“O dia que eu tava dormindo e fui acordado com um adolescente me jogando pedra, fiquei muito mau”.

“Apanho muito dos outros”.

Como explicar essa barbárie coletiva? Punir as vítimas do insucesso social ou desprezá-las como se não existissem? Para Reich (2007), um homem bondoso acredita que todos os homens são bondosos, ao passo que um homem infectado pela peste emocional acredita que todos os homens mentem. Navarro (1995), relata que a formação reativa é racionalizada. Logo, o mecanismo de defesa para a pessoa em situação de vulnerabilidade é a vergonha. Para Navarro, a vergonha não é outra coisa senão um aspecto do medo, e neste caso, o medo do julgamento dos outros. Segundo Foucault (1997), a punição torna-se uma parte velada da justiça, precisamente do processo penal, provocando várias consequências: deixa o campo da percepção e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída a sua fatalidade e não a sua intensidade visível, a punição é que deve desviar o homem do crime sem levar em conta o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens sociais, pronto a transformar a piedade e o perdão em um castigo espetaculoso, um horror que envolve o estado e o condenado na ilusão da normalidade cotidiana a que estamos acostumados. Isso, é o que Navarro chama de sociedade neurótica.

Navarro (1995), diz ainda que, uma sociedade que pudesse possibilitar a seus condescendentes, uma condição de trabalho saudável, seria uma sociedade muito saudável. Pois, o superego do caráter genital, tem como moral o respeito à vida.

5.7. Dificuldades enfrentadas

Quanto às dificuldades vividas e/ou vivenciadas pelos moradores em situação de rua, seguem dois relatos referentes às necessidades fisiológicas que segundo Hall, Lindzey e Campbell (2000), são as primeiras e mais importantes necessidades do homem.

“Passei frio, quando chove é muito ruim, e às vezes não tenho o que comer”.

“As primeiras semanas tive dificuldade para dormir e tomar banho, quando chove é um problema”.

Nesses relatos, pode-se observar parte do dia a dia de um morador em situação de rua e talvez explicar sua dependência social. Neste caso, fica evidente que, uma pessoa carente das necessidades básicas de sobrevivência, pouco ou quase nada irá conseguir evoluir para um raciocínio mais apurado de convivência social.

Reich (2003), relata que o pensamento subjacente do animal humano está enraizado a sua estrutura biopsíquica, que é o meio através do qual todas as funções internas e externas têm que passar antes de tornar-se pensamento ou ato. Quando uma pessoa carece de afetos, estímulos e consideração são mais fáceis para ele perder a interioridade, destruindo seu mundo.

5.8. Auxílios, benefícios do estado e formas de sobrevivência

Em todas as entrevistas os moradores em situação de rua relataram que não recebem nenhum tipo de auxílio, sobrevivem da ajuda das pessoas, bem como, catando papelão e confeccionando artesanato.

“Não recebo nada, tenho que pedir”;

Neste caso, mais uma vez, o entrevistado deixa evidente sua dependência social. Para Volpi e Volpi (2003), na busca de aceitação, a pessoa deprimida transfere para todas as pessoas e situações a expectativa que teve quando criança. E na tentativa de receber amor das pessoas, o deprimido assume uma imagem superficial, que em geral tem pouco a ver com seu *self* verdadeiro.

“Hoje o que faço é pedir, quando perdi tudo (casa, esposa, trabalho), eu era pintor”.

Quando perguntado para os mesmos quanto ao sentimento de dependência e/ou independência, somente um entrevistado relatou que se sente independente.

“Me sinto livre e independente, gosto de viver na rua e conviver com meus amigos”.

Já os outros sete entrevistados relataram que são dependentes, pois dependem das pessoas.

“O cara pede dez (centavos) pra um, cinquenta (centavos) pra outro. Comida é mais fácil, mais difícil é dinheiro, dependemos dos outros para sobreviver”.

Para Reich (2004), quando o animal humano concebe uma visão distorcida da sua funcionalidade, ele cria um sistema de pensamento incorreto, mas intrinsecamente coerente para viver o fenômeno compreendido.

É nesse momento que a sociedade ou o estado deveria fornecer uma rede de apoio aos moradores em situação de rua. Primeiro, para promover desintoxicação e segundo, para criar estratégias de sobrevivência, afim de, torná-los independentes economicamente. Nesse sentido, na cidade onde foi elaborada e efetuada a pesquisa, não há formas de apoio psicossocial a essa parcela da população, muito menos serviço terapêutico e de preparação para o mercado de trabalho posterior a desintoxicação. Para Vigotski (2003), quanto mais complexa a ação exigida pela situação e menos direta, maior a importância na operação como um todo.

5.9. Drogas, sentido da vida e futuro

A perda do futuro induz um indivíduo a ficar agarrado a uma busca de satisfações imediatas, a custa de qualquer outro aspecto da vida e da realidade (REGUERA, 2005). Volpi e Volpi (2003), relatam que a caracterização da neurose são os conflitos que inibem as condutas sociais.

“Só Deus sabe. O dia de amanhã pertence a Deus”.

“Não penso no futuro, vivo o dia de hoje”.

“O amanhã não pertence a nós, temos certeza do hoje o agora o momento”.

É com estas frases que indubitavelmente analisa-se o presente tema. É bem sabido que a sociedade atual alienou-se dos valores e sentidos da vida. E para compensar esta mórbida e insignificante vida, buscou prazeres sorrateiros que jaz a consciência do homem e aliena sua ligação natural consigo, com o próximo e com o mundo. A última esfera que conduz esta navalha da vida é a morte. Antecedendo esta e dependendo da estrutura sócio-econômica de cada

um, encontram-se os moradores em situação de rua, que em um grito desesperado por socorro lançam-se a modos de vida fantasmagóricos.

“A droga acabou com minha vida”.

“Eu fui usuário durante 18 anos da minha vida, usei tudo que você possa imaginar”.

“Nunca consegui ser alguém na vida por causa da droga”.

“Fumo cigarro e bebo, droga não uso”.

Reich (2003), relata que não é possível esquecer que muitas drogas aliviam a dor, mas ao mesmo tempo, danificam o aparato vital autônomo. A culpa se resume ao egoísmo, e a fuga se resume a estrutura que formou o egoísmo. Enquanto busca-se uma verdade absoluta para explicar o fato do homem com as drogas, este continua a se consumir, se não individualmente, coletivamente. O individual tem culpa porque tem o livre arbítrio, mas o coletivo também tem culpa, pois ele é a responsável pelas tensões coletivas das políticas de classes, enfim, do distanciamento social. A filosofia oriental explica este fato pelo *karma* (DEROSE, 2004). Karma é o resultado de escolhas e estas podem ser individuais e coletivas. Assim, a droga nada mais é que a busca por uma felicidade ideal e irreal mesmo que esta felicidade custe a felicidade real.

“Se eu tivesse uma casa, acho que não estava nessa. Então, fumo pedra há um ano e 8 meses”.

“Não leva a nada, uso porque sou viciado. Espaireço e fico calmo”.

A responsabilidade pelo caos é de todos, é tanto individual como coletivo. A rede que liga os seres humanos é a única que pode resgatar a sanidade do homem na vida. De acordo com Rey (2004), o aspecto subjetivo e simbólico dos fenômenos humanos foi ignorado. Sendo assim, também foi ignorada a dimensão social na definição dos processos humanos. Fenômenos como a droga, a violência e outros comportamentos sociais inadequados, foram referidos ao indivíduo e apresentados como anomalias, não como produção necessária associado a um tipo de ordem e organização social.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento biopsicossocial do homem depende de um contexto histórico. Sendo assim, sua história é vivida em três momentos distintos: o passado social e particular. O presente e, as escolhas. E o futuro, que embora um pouco incerto, depende do foco no momento presente.

O morador em situação de rua tem em sua história, seu próprio contexto, emocional e corporal, que deve ser reconhecido, para que sua individualidade seja compreendida. Nesse sentido, se a sociedade expressar acolhimento, seguramente haverá mudanças significativas nesse cenário, agora, se houver indiferença, mais casos irão surgir. Por outro lado, o cidadão comum, aquele que paga impostos, educa seus filhos, trabalha para ter uma vida social saudável, fica a mercê das decisões políticas, e, enquanto essas não vêm, é obrigado a conviver com a indiferença humana. Pois não é fácil sair de casa e ser ameaçado por moradores de rua ou passear com a família e vivenciar pessoa se drogando a plena luz do dia sem nenhuma restrição.

Porém, os moradores em situação de rua são seres humanos, e como tal, têm direito a dignidade, justiça, saúde e liberdade. Nesse contexto, os interesses sócio-econômicos formam redes de subculturas, que, associadas a um distanciamento ético e político, evitam amparar esta parcela da população.

A sociedade, carente de redes de apoio, obriga-se muitas vezes a fechar seus olhos. E a troca do “desencargo de consciência”, oferecem algumas migalhas, como forma de isentar sua culpa neste cenário. Somente através da conscientização e da responsabilidade social, pode ser possível, preiteada uma mudança significativa na vida dos moradores de rua, refletindo assim, na dignidade de todos os envolvidos na malha social.

A psicologia corporal ao envolver-se com essa pesquisa, buscou um novo olhar ao fenômeno, compreendendo o cotidiano social, sem perder de vista a realidade que cerca o morador de rua. Wilhelm Reich, entregou sua vida em prol de uma sociedade energeticamente saudável. Deixou várias coordenadas no que tange ao entendimento corporal e energético, a fim de ampliar a ciência do homem consigo mesmo. Cabe a nós, aplicar esses conhecimentos e mudar se não ao mundo, a nós mesmos, tornando autoconscientes de nossas atitudes para com o próximo.

A sensibilidade do organismo humanos, é capaz de postergar ou de acolher o sofrimento alheio, sendo assim, a união de interesses comuns,

potencializa uma ação, se, estes forem saudáveis energeticamente, toda a sociedade ganhará, influenciando diretamente nossos governantes.

As políticas públicas, a principal ferramenta para mudança social, deveria enfatizar formas de resgatar a sobriedade e dignidade dos moradores de rua, através de planejamentos estratégicos, com foco em suas necessidades biopsicossociais, sem perder de vista os direitos que lhes competem.

A ciência, por ser um instrumento de verdade, pode servir de base para fomentar políticas públicas, pois, a vida de um morador de rua, não é uma hipótese, mas sim, uma realidade presente no dia a dia de todas as pessoas de nosso país.



7. REFERENCIAS

ALVAREZ, A. M. S; ALVARENGA, A. T.; FERRARA, N. F; **O Encontro Transformador em Moradores de Rua na Cidade de São Paulo**. Porto Alegre, 2004. Disponível em <<http://scielo.com.br>>. Acesso em 21 Março 2006.

AMARANTE, P. **Asilos, Alienados, Alienistas**: uma pequena história da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1979.

BOADELLA, D. **Correntes da Vida: uma introdução a biossíntese**. São Paulo: Summus, 1992.

BRIGADÃO, C. **Sujeito e Poder**: reflexão contemporânea (in), ROLNIK, S (org), **Saúde e Loucura**: subjetividade. São Paulo; HUCITEC, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2006.

DEROSE, Mestre. **Faça Yôga Antes que Você Precise**: swásthya yôga shástra. São Paulo: Nobel, 2004.

FIGLIE, N. B.; BORDIN, S.; LARANJEIRA, R. **Aconselhamento em Dependência Química**. São Paulo: Roca, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história as violência nas prisões. 16ª ed. Petrópolis: Vozes. 1997.

HALL, C. S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. **Teorias da personalidade**. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MARTINS, José de Souza. **A Sociedade Vista do Abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MIRANDA, Maria Inês Ferreira de; FERRIANI, Maria das Graças C. **Políticas Públicas Sociais**. Goiânia: AB editora, 2001.

NAVARRO, F. **Caracterologia Pós-Reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.

NAVARRO, F. **Metodologia da Vegetoterapia Carácter-analítica**. São Paulo: Summus, 1996.

NIETZSCHE, F. **Humano, Demasiado Humano**. São Paulo: Escala, 2006.

PAUGAM, Serge. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais – uma dimensão essencial do processo de desqualificação social (in), SAWAIA, Bader (org). **As Artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. . 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

REGUERA, Enrique Martinez. **Crianças de Ninguém, Crianças de Rua: psicologia da infância explorada**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

REICH, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REICH, W. **A função do orgasmo** - problemas econômico-sexuais da energia biológica. São Paulo: Brasiliense, 1982.

REICH, W. **Escuta Zé Ninguém**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

REY, F. L. G. Psicologia Social e saúde (in), SILVA, M. F. S.; AQUINO, C. A. B. (org). **Psicologia Social: desdobramentos e aplicações**. São Paulo: Escrituras, 2004.

SILVA, M. F. S.; AQUINO, C. A. B. (org). **Psicologia Social: desdobramentos e aplicações**. São Paulo: Escrituras, 2004.

SAWAIA, Bader (org). **As Artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta (Org). **Psicologia social**. 6.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

VIGOTSKI, L. S.; **A Formação Social da Mente**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VOLPI, J. H.; **Quando o Corpo Somatiza os Conflitos da Mente**. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em 20/08/2008

VOLPI, J. H. **O meio ambiente estressante comprometendo o desenvolvimento neuropsicofisiológico da criança**. Artigo do curso de Especialização em Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2005

VOLPI, J. H.; **Particularidades sobre o temperamento, a personalidade e o caráter, do ponto de vista da psicologia corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em 20/08/2008

VOLPI, J. H.; VOLPI S. M.; **Crescer é uma aventura: desenvolvimento emocional segundo a psicologia corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2002.

VOLPI, J. H.; VOLPI S. M.; **Reich: da psicanálise a análise corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

VOLPI, J. H.; VOLPI S. M.; **Reich**: a análise bioenergética. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

